

## INFÂNCIA E POESIA EM EMÍLIO MOURA

### *Childhood and poetry in Emílio Moura*

*Luciano Marcos Dias Cavalcanti\**

**RESUMO:** Pretendemos apresentar neste pequeno estudo uma investigação de como se dá, na poética de Emílio Moura, a presença da infância, e como o poeta se utiliza do mundo infantil para construir seus poemas, seja no que diz respeito à infância vista como um mundo bom e sem problemas, seja como elemento memorialístico em que o poeta busca no passado não somente uma lembrança lúdica, mas também um processo criativo utilizado para a criação literária.

**Palavras-chave:** Infância; Memória; Poesia; Emílio Moura.

**ABSTRACT:** *In this text, we intend to analyze as Emílio Moura the presence of infancy, and as the poet if it uses of the infantile world to construct its poems, either in what it says respect to seen infancy as a good world and without problems, either as memorialistic element where the poet not only searches in the past a playful souvenir, but also an used creative process for the literary creation.*

**Keywords:** *Infancy; Memory; Poetry; Emílio Moura.*

---

\* Doutor em Teoria e História Literária IEL/UNICAMP – professor do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações, Minas Gerais, Brasil. bavarov@terra.com.br

Emílio Moura pertence à geração modernista mineira de 1924, participou do grupo de A Revista, periódico responsável pelos alicerces do modernismo em Minas Gerais. Aveso às tendências vanguardistas da primeira hora, sem negar as influências do modernismo, o poeta sempre foi autônomo e buscou sua própria linguagem. Não acreditava em modismos, impróprios à elaboração artística que pretende ser intemporal. Seu amigo de geração, Carlos Drummond de Andrade, considerou como característica mais marcante do poeta a sua atitude indagadora, identificado “sob o signo da pergunta” (ANDRADE, 1953, p.9). Esse aspecto revela a poesia de Emílio Moura como essencialmente questionadora, em que o eu lírico, inquieto e desajustado, à maneira gauche de seu amigo itabirano, se confronta com as grandes questões metafísicas do homem e das contingências do indivíduo inserido no mundo moderno.

Uma das características importantes da poesia moderna se refere a seu caráter de evasão. O avanço técnico conseguido nos grandes centros urbanos, ao mesmo tempo em que impressionam os poetas também lhes causa repulsa. Esta é uma situação que leva os poetas a um processo que vai da evasão ao irreal e à fantasia, e conseqüentemente, a um hermetismo na linguagem. O que representa a tentativa do homem moderno, em meio a uma época tecnizada, conservar para si a liberdade e a fantasia de mundo maravilhoso perdido.

Nesse sentido, um dos caminhos trilhados como forma de refúgio a este mundo que aprisiona o homem em um sistema racional estreitamente ligado ao *modus vivendi* capitalista, em que a mercadoria é seu bem primordial, será o da infância. Este será o lugar aonde o poeta irá se refugiar na tentativa de encontrar um lugar que ele possa restabelecer o contato com um mundo imaginativo e inicial perdido, elementos substanciais para sua criação poética.

A obra poética de Emílio Moura, de forma direta ou indireta, apresenta uma grande variedade de poemas que se referem à infância e a seu mundo lúdico, portanto essa temática pode ser percebida a olhos vistos e se mostra relevante para sua compreensão. O poema “Toada”, pertencente a Cancioneiro, é exemplar para pensarmos sobre o tratamento que Emílio Moura dá à infância em sua poesia.

Minha infância está presente.  
É como se fora alguém.  
Tudo o que dói nesta noite,



natureza humana original, não tocada pela corrupção do mundo. O homem busca recuperar sua infância num sentido ideal, não por uma pretensa experiência real ocorrida, sendo seu fim último o desejo de se reencontrar com o início. Uma característica marcante do infantil na literatura é, assim, a nostalgia da “Natureza (Paraíso) Perdida”, que se verifica no desejo de volta à origem. Portanto, na perspectiva de Schiller, o apego à natureza é semelhante ao apego à infância. Em síntese, o poeta está em busca de reencontrar a inocência perdida, mas essa pretensão só é possível pela poesia, pois a inocência real já foi destruída no mundo e no tempo presente do poeta; e não há como retomá-la - a não ser pela arte poética.

A obra poética de Emílio Moura apresenta uma grande variedade de poemas que se referem à memória da infância e seu mundo lúdico, mas será no livro *A casa* (1961), composto por um longo poema dividido em onze partes, que o poeta evidenciará, de forma direta, a relação de sua poesia com a memória de sua infância.

Para Bachelard, a casa representa o nosso “espaço vital”, o nosso “canto do mundo”, o nosso “primeiro universo”. Lembrada poeticamente, principalmente na vivência do passado, a casa é uma espécie de receptáculo que conserva as primeiras lembranças de nossas vivências mais profundas, abrigando-as do mundo externo, resguardando nossos valores primordiais; a essas memórias são acrescentadas a imaginação criadora que retrabalha poeticamente esse ambiente vivenciado no passado. Nesses termos, a imagem da casa nos leva a comoções insuspeitas, além de oferecer proteção a quem retorna a este espaço, permitindo-o alcançar um tempo de paz. Como diz Bachelard, “Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa.” (BACHELARD, 2000, p.26), isso porque as lembranças da casa, um dia habitada por nós, são revividas por meio de “devaneios” e sonhos. Nesse sentido, na perspectiva do filósofo, a casa exerce uma grande força de integração entre o pensamento, a lembrança e o sonho dos homens.

A casa é um lugar onde está armazenada grande parte de nossas lembranças, nesse espaço caminhamos e encontramos a matéria que nos faz conviver novamente com nossas reminiscências longínquas, que estão solidificadas nesse ambiente repleto de artefatos e seres que nos faz voltar a um tempo acolhedor e seguro, devolvendo-nos o tempo de nossa origem. A linguagem poética, através do devaneio, nos traz de volta

esse ambiente de maneira ampliada, pois de fato a memória da infância é maior que a própria realidade vivida. Nesse sentido, a casa representa muito mais que seu significado metafórico primeiro de proteção, acrescenta-se a este outro valor fundamental, o do sonho, o qual permite o memorialista voltar à casa que não mais existe. O espaço da casa é mais amplo porque alcança espaços simbólicos e psicológicos, ultrapassando a percepção da vivência da infância real. Assim, a casa não é um lugar inerte. O espaço da casa, habitado pela imaginação, transcende o espaço geométrico, transformado em elementos metafóricos e imagéticos, criando espaços novos e amplificados, uma nova habitação. Dessa forma, a construção poética nasce da correlação da imaginação da lembrança memorial e da lembrança real, portanto, pela junção do mundo real e do mundo imaginário. Dessa junção nasce a imagem poética da memória da casa da infância perdida no tempo.

O poema “I” rememora o mundo infantil do poeta, vinculando circunstâncias biográficas à elaboração poética. Nele, percebemos a relevância exercida sobre o poeta de sua cidade natal, em que viveu a sua meninice, de onde emana sua poesia. Este local, caracterizado por sua simplicidade, recebe um poder fabuloso superando até mesmo elementos cósmicos, comumente elevados a temas poéticos, como a lua, a aurora e o cometa Halley, que impressionou tantos poetas em sua passagem no início do século XX. De Indaiá nasce sua poesia. Essa busca pela simplicidade retirada do cotidiano interiorano brasileiro associa o poeta mineiro ao nosso modernismo, àquele ligado ao prosaísmo da língua do povo representado por Mário de Andrade, Oswald e, principalmente, por Manuel Bandeira que, conforme observou Arrigucci, forjou um estilo humilde, que almejava alcançar o sublime por meio das coisas simples e banais do cotidiano.

Passo esponja na cortina  
que o tempo, célere, tece.  
Ó sol, ó manhã, ó fugas!  
Sopra o vento do mistério  
com seu séquito de mitos  
sobre os telhados do mundo.  
Que história já foi vivida;  
que itinerário sonhado!  
(...)  
Ora, em águas de Indaiá,  
voga, de novo, um menino.  
Que brisas, que asas o levaram!

Palavras jamais ouvida  
 e que tanto se esperava  
 já não importa. A certeza  
 que se oferece e se esquiva,  
 o espinho, a dúvida, o medo  
 também já não doem. É tudo  
 um ser sem saber que é.  
 Já não há travo de agora  
 neste ágil, secreto ir-se  
 por caminhos que se chamam,  
 se entreprocuram, se movem  
 por entre verdes e verdes  
 e vão à raiz da aurora  
 de continentes perdidos.  
 (...)

Essa perspectiva associa novamente a criação poética de Emílio Moura ao desejo do reencontro com o éden perdido. Emílio Moura está em busca de reencontrar a inocência perdida, mas essa pretensão só é possível pela poesia, pois a inocência real já foi destruída pelo mundo e o tempo presentes. O poeta adulto sabe disso; é por isso que ele se refugia no mundo da infância e da imaginação. É pela imaginação e pela criação poética que o poeta retorna novamente à sua infância perdida. Nesse sentido, a infância é associada à clássica imagem do paraíso perdido. Adulto e desperto, o homem – sem mais os desejos, os medos e as dúvidas da infância – acorda o menino que ainda existe dentro dele, exclamando, como no poema citado: “É dia, menino. É dia!/Escuta: é o coro dos galos/na manhã – lâmina e orvalho.”

O mundo infantil é, portanto, visto de forma lúdica e é encarado como um tempo bom, sem problemas. Esse mundo infantil retoma a própria infância do poeta, que viveu a sua meninice em Indaiá, onde era menino feliz. Essas imagens recorrentes da infância de Emílio Moura fazem parte de uma matéria extremamente pessoal e íntima do poeta. No entanto, revela também o passado histórico da vida interiorana mineira e da tradição popular, como uma espécie de retrato da realidade brasileira. Esse momento admirável da infância do poeta e do país o leva a representar a raiz de sua experiência poética, recapturada de sua memória infantil, fonte primeira de sua poesia.

É dessa maneira que a infância se repercutirá no poema “III”, no qual o resgate da memória de sua infância perdida será feito exatamente por meio da imaginação criadora, a partir dos escombros de uma casa que não existe mais e toda sua movimentação.

(...)  
 o que era rastro,  
 rastro somente  
 de alada imagem,  
  
 súbita vibra,  
 nítido, nítido  
 dentro de Casa:  
 gestos se animam,  
 se escutam passos  
 e, avidamente,  
 a alma se impregna  
 do ar perdido.  
 (...)

No poema “V”, a imaginação criadora retém a infância perdida pela ação do tempo, capaz de destruir e/ou modificar tudo. “Menino, cala. Não viste/ o tempo fluir. Fluía./ [...] / (...) O tempo fluía./A rua invadindo a Casa,/vozes de longe chegando,/o mundo crescendo tanto,/o mundo, louco, crescendo,/a Casa diminuindo,/a Casa... a Casa acabando!” (MOURA, 2002, p.214). No entanto, na segunda estrofe deste poema, a infância é relacionada à própria poesia imaginativa em seu sentido primeiro – mítico –, da nomeação das coisas pelo verbo original, revelando o mundo como se fosse visto pela primeira vez. Desse modo, poesia e infância se tornam equivalentes.

(...)  
 Conta, conta, menino!  
 Que vias nas coisas  
 uma graça aérea  
 que só os teus olhos,  
 puros, percebiam;  
 que havia uma auréola,  
 só de ti sabida,  
 (...)  
 Era um ar talvez  
 de abril e de orvalho,  
 talvez do primeiro  
 despertar do mundo:  
 uma luz tão outrora,  
 tão fúlgida aquela.  
 De que astros seria?  
 De onde, de que paramos?  
 E certas presenças,  
 certas descobertas:  
 algo que nos vinha,  
 súbita revoada,  
 da região dos mitos.  
  
 Conta, conta, menino!

É interessante notar que essa perspectiva adotada pelo poeta se relaciona ao pensamento de Giambattista Vico, que em 1730, expõe a ideia de que a linguagem poética seria primitiva, e que os homens passaram dela para a racional, sendo ambas intimamente ligadas. Mais do que isso, Vico concebe a linguagem poética como fato natural e, por conseguinte, entende as imagens não como desvios da linguagem. Para o filósofo italiano, “os homens do mundo nascente foram, por sua própria natureza, sublimes poetas.” (VICO, 1979, p.42). Enquanto a linguagem poética moderna se esforça para exprimir-se de maneira imaginativa, a linguagem primitiva a exprimia naturalmente. Nessa perspectiva, tanto a poesia quanto a imaginação infantil apresentam vigorosas fantasias, e as crianças criadoras se assemelhariam aos poetas.

Acompanhando os passos do pensamento de Vico, Alfredo Bosi afirma que a criação poética é fruto da memória, no sentido em que ela “aparece como faculdade de base” (BOSI, 1977, p.204). E o meio pelo qual se “modela” a imagem é a fantasia. Desta se produz tanto os mitos quanto a prática poética em si, o texto. Aliado a isso, podemos pensar que a memória no texto literário tem o papel de reelaborar o que foi vivido (ou imaginado) pelo poeta de modo que ela possa se realizar no poema. Sem essa reelaboração, a memória simplesmente representaria o passado comum a qualquer pessoa.

Numa espécie de epifania, a memória de Emílio Moura mostra o que há de mais íntimo e profundo e nunca esquecido de sua vivência infantil. Essas lembranças pertencem tanto ao universo mágico e mítico quanto à sua vivência real. O poeta constantemente acena ao passado, distante de sua realidade adulta, de modo que o vivido e o imaginário infantil é reatualizado, materializando-se no poema. A criança está constantemente presente no poeta, fazendo com que a emoção infantil não se perca com o passar do tempo, mas se identifique com a própria emoção poética. Nesse sentido, podemos dizer que o poeta busca resgatar um passado vivo que permanece atuante no presente, de forma intensa, permitindo que ele resgate um mundo perdido, capaz de reorientar o tempo presente. A presença da memória na poética de Emílio Moura, então, constitui um longo processo de imersão no passado, cujo ponto terminal é a infância, momento incorruptível da vida e dimensão irresgatável da existência antes do toque viciado do mundo. Através da memória reencontra-se a origem; na

recuperação da infância percebe-se a fuga das circunstâncias existenciais problemáticas do mundo adulto, nota-se o descontentamento frente ao vivido, procura-se afastar de um meio social cujos princípios não se partilha, numa espécie de tentativa de restauração do período de onde brotam as recordações mais pessoais. Essas lembranças, assim entendidas, possuem o significado, entre outros, do descontentamento com o presente. O poeta dá um testemunho da vida moderna e opondo-se a ela procura no mundo da infância uma resposta a este presente, na tentativa de resgatar os princípios básicos de união e fraternidade, numa busca de libertação e de retomada das raízes tanto poéticas quanto existenciais. Daí, essa vontade de preservação, esse saudosismo, essa procura permanente do tempo primitivo.

### Referências

ANDRADE, C. D. de. Palma severa. In: MOURA. E. *Poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1953.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. (Trad. A. Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOSI, A. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

MOURA. E. In: LUCAS, F. *Introdução e seleção: O poeta Emílio Moura*. MOURA. Emílio. *Poesia de Emílio Moura*. São Paulo, Art Editora, 1991.

MOURA. E. *Poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1953.

MOURA, E. *Itinerário poético: poemas reunidos*. Prefácio de Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SCHILER, F. *Poesia ingênua e sentimental*. (Trad. Márcio Suzuki) São Paulo: Iluminuras, 1991.

SUZUKI, M. In: SCHILER, F. *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

VICO, G. *Princípios de uma ciência nova: acerca da natureza comum das nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

**Nota:** Este texto foi apresentado como comunicação no II DIVERMINAS – ICHS – UFOP realizado no período de 22 a 24 de setembro de 2015 com o apoio da FAPEMIG.